vez em desconsolo no leito da dor, sem ter siquer a grata noticia de que o seu nome era lembrado para um logar condigno do seu relevante merecimento.

Tractar aqui dos talentos do Sr. Silvestre Pinheiro, como homem de lettras, fôra aguarentar muito a importancia do assumpto dando-lhe mal cabida n'um improvisado artigo de tam circumscriptas dimensões. Basta dizer que o illustre polygrapho era um dos mais profundos pensadores contemporaneos reconhecido como tal por toda a Europa culta. A fôrça e finura da sua dialectica é sobretudo admiravel. A energia da sua intellectualidade, e a sua indole trabalhadora era tal, que no mesmo dia que a sua alma subia ao seio do Eterno, publicava a *Revolução de Setembro* o último dos seus escriptos — um artigo sôbre a fazenda-publica do paiz. Á ventura da patria consagrou o derradeiro dos seus trabalhos: mostrou que a levava no coração quem assim morreu com ella no pensamento.

A Revista cujas columnas foram tantas vezes innobrecidas com os escriptos do distincto publicista, quer ter tambem a honra d'erguer, a primeira, a voz convidando a todos os portuguezes que presam os talentos e as virtudes a subscreverem para um monumento ao Sr. Silvestre Pinheiro. É um pensamento que decerto vai ser abraçado pela nação inteira porque está como deve estar no coração de todos.

Hoje por toda essa Europa se levantam estatuas e monumentos á memoria de qualquer illustre character que, mais ou menos o tenha sabido merecer, e deixariamos nós porventura, sob uma campa rasa, póde ser sem epitaphio, obscura e esquecida, a sepultura de um dos homens mais distinctos que a nossa patria tem produzido? Seria uma degradação do nosso character, um desar nacional, que as luzes do seculo e o nosso pundonor, quando não fôra o nosso dever, não hade deixar commetter-nos. Eu confio tanto na realização d'este pensamento como creio no decoro nacional. Comecemos ao menos a emendar com o Sr. Silvestre Pinheiro, o êrro indesculpavel que até hoje nos tem feito deixar sem memoria, perdidas e misturadas com a terra ingrata, que assim as consomme para vergonha nossa, tanta cinza illustre de homens benemeritos que nos deram, ou nos sustentaram, ou nos glorificaram este nome de portuguezes que tam mal lhes temos sabido merecer.

CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

MA-COLHEITA — DOENÇA DAS BATATAS.

681 De quasi toda a parte do reino são geraes as noticias da ma colheita do presente anno. Os trigos e o centeio, pela maior parte não granelaram. Attribue-se isto á falta de calores, ás muitas geadas, e aos poucos ventos que no nosso paiz são ás vezes incommodos por fortes, tambem estragadores de fructa, mas sempre uteis ás cearas em quanto medram, e nos trabalhos d'ellas. O milho todavia promette melhor colheita; mas a do azeite chega a ameaçar escacez.

O govêrno deve prevenir as consequencias funestas que d'aqui podem provir, se este mal for tammanho como alguem parece receiar. Sendo certo porém que *uma so* colheita escassa não é *para o lavrador* tam grande mal como parece; no emtanto o prejuizo publico apparece logo e ainda prematuramente. O pão, cujo preço é superior ao que deveria ter em relação ao preço do trigo, apezar d'isso, encareceu ja e do mesmo modo o azeite: os dois generos de primeira necessidade e principal consummo. Este assumpto não é para desprezar nunca, e muito menos o deve ser agora nas circumstancias politicas e economicas da nação. A Revista levantando a sua voz a este respeito, pertende so suscitar a idea das providencias que o facto póde demandar.

Accresce tambem a doença das batatas que invadiu finalmente o nosso paiz e ilhas dos Açores. Alli, principalmente, este mal é um verdadeiro flagello. A batata é a base principal do sustento da gente pobre das ilhas, especialmente de San'Jorge e do Pico. Se a colheita d'este tuberculo estiver la effectivamente perdida, a acção governativa é indispensavel a prevenir-lhe os resultados.

Differentes correspondencias tem a Revista recebido ultimamente a este respeito da doença das batatas, quasi todas perguntando se haverá meio de a evitar, e pedindo outros esclarecimentos similhantes. Muito se tem escripto comeffeito, la fóra, n'estes últimos tempos sôbre este importante assumpto. A academia das sciencias de Paris, tem recibido uma immensidade de memorias a este respeito, e emittido ella mesma, algumas vezes a sua opinião. Possuo uma boa parte d'estes escriptos, em extractos mais ou menos minuciosos. O mais recente d'elles, é um relatorio de uma commissão tirada do seu seio e

SUMMARIO.

NECROLOGIA.

O SR. SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

680 Portugal acaba de perder um dos seus melhores ornamentos litterarios na pessoa do Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, que faleceu de uma pneumonia no 1 do corrente. O cadaver do illustre finado foi sepultado no Cemiterio dos Prazeres, sendo o feretro conduzido á mão pelos seus discipulos — as pessoas que assistiam ás prelecções de direito-publico, que o Sr. Silvestre Pinheiro ultimamente dera — desde o sitio de San' Sebastião-da-Pedreira até á sepultura. Número consideravel de amigos e admiradores do falecido, entre estes alguns dos actuaes membros do Gabinete, lhe fizeram as honras funebres do enterramento.

O Sr. Silvestre Pinheiro foi a todos os respeitos um character distincto, um dos que mais teem honrado o seu paiz, e de que este deve com toda a razão ufanar-se. Nascêra em 31 de dezembro de 1769. Entrou aos 14 annos na associação religiosa denominada Congregação-do-Oratorio; mas não chegou a professar, e em 1792 ja dava licções públicas em Lisboa, d'onde passou a occupar a cadeira de logica no collegio das artes em Coimbra. Victima de uma perseguição injusta, filha da desconfiança que as novas ideas que se propalavam n'essa epocha suscitava em todos os animos governativos, o Sr. Silvestre Pinheiro teve que deixar a patria em 1797. Depois de ter viajado por Inglaterra, França, Hollanda e Allemanha, voltou a Portugal em 1802, onde foi nomeado official da secretaria d'Estado dos negocios extrangeiros, e d'ahi a pouco Encarregado-de-negocios em Berlim, para onde partiu effectivamente no mesmo anno, e onde residiu por espaço de sette annos, recolhendo de la ao Brazil, onde em 1811 foi nomeado Deputado da juncta-do-commercio. Algum tempo depois o Sr. Silvestre Pinheiro foi deportado para a ilha da Madeira, em consequencia de recusar com franqueza uma missão diplomatica, insensatamente concebida, para a republica de Buenos-Ayres. Mas em 1820 foi nomeado ministro-plenipotenciario dos Estados-Unidos; logar que não chegou a exercer em consequencia da revolução feita no Porto a 24 d'agosto do mesmo anno; occasião porque a côrte do Rio-de-Janeiro o chamou aos conselhos do seu Soberano conferindo-lhe as pastas dos negocios extrangeiros e da guerra, que conservou por quasi dois annos. No emtanto o novo ministro ja era a esse tempo commendador da Ordem de Christo, Director da imprensa-nacional, ou *regia*, como então se dizia, e membro da commissão-mixta anglo-lusitana, creada para as questões que ja n'esse tempo suscitava o trafico da escravatura. Depois da restauração de 1823 concedeu-se-lhe uma pensão de um conto de réis; e em 1825 havendo recusado fazer parte do ministerio, foi mandado sahir para Inglaterra. Em 1826 porém foi eleito deputado, e outra vez o foi em 1833; mandato que por nenhuma d'estas vezes pôde vir á patria cumprir, permanecendo sempre em França, e so em 1842 veio a tomar assento na camara.

Os últimos annos da vida do Sr. Silvestre Pinheiro foram passados no retiro domestico, e mesmo se póde dizer que na pobreza. Como sabio distincto, e como homem publico que desempenhára os mais importantes cargos do Estado, tinha elle decerto o mais sagrado jus a uma brilhante posição social, ou ao menos a gozar de commodidades n'uma velhice tranquilla. Mas se assim não aconteceu, a patria não deve ser accusada do descuido d'aquelles que presidiam aos destinos d'ella. Não sejamos injustos, olhemos para as coisas como ellas são. Não ha um so portuguez que deixasse de levar até á veneração a sua estima ao compatriota illustre que innobrecia o nome e trabalhou até á última pela prosperidade da sua nação; todos lamentam o estado obscuro em que se finou um dos homens a quem circumdava a brilhante aureola de uma reputação europea: não imputemos pois á patria uma culpa que ella não tem, mas que pésa ominosamente sôbre quem não quiz e podia reconhecer e apreciar o merito relevante do Sr. Silvestre Pinheiro. A ser verdade o que ouvimos, parece que o govêrno actual se dispunha a pagar ésta divida sancta da patria, nomeando o illustre finado Reitor da Universidade de Coimbra; mas o sabio morreu tal-

encarregada pela academia de apresentar o resultado de um exame sôbre todas as memorias que lhe teem sido apresentadas sôbre a materia de que se tracta. Este relatorio é de parecer que, apezar de todos os trabalhos assiduos de grandes homens, a questão se acha muito longe de ser resolvida. Depois de haver apresentado algumas noções historicas sôbre a planta da batata, que diz ser originaria das montanhas do Chili, e que parece passára á Europa, ja em 1545 trazida por um inglez da Nova-Grenada á Irlanda, d'onde passou para a Belgica (1590), Hispanha e Italia (1620), Allemanha (1710), etc., e de asseverar que ha ainda na America muitas variedades preciosas que nos são desconhecidas, assenta o referido relatorio em que:

1.° A substancia da batata é tocada de nodoas avermelhadas á superficie, e de roda d'estas manchas a fecula se vai desfazendo.

2.° As variedades temporans que chegam a amadurecer antes da invasão do mal, teem ficado em geral livres de toda a alteração.

3.° A doença especial tem feito progressos ou tem-se desinvolvido nas mesmas batatas guardadas ou colhidas sans na apparencia, na occasião em que a molestia ataca com mais violencia.

Bem se vê que isto são apenas generalidades que deixam sem resolução o problema principal. A opinião singular de M. Gaudichaud sôbre a causa d'esta doença é de que: as folhas são mortas por um agente atmospherico qualquer que elle seja; por exemplo: a humidade, a violencia de vento frio etc. Mortas as folhas cessa a respiração, e a nutrição ou elaboração dos succos não póde então exercer-se. N'esse caso produzem-se as alterações dos succos superabundantes, do que resultam acções e reações physicas e chimicas que nos são ainda pouco conhecidas.

De resto toda a academia das sciencias de Paris não adianta mais, com todo o apparato da sua sciencia, do que o que é communicado á Revista por um agricultor prático juncto a Lisboa. «A planta da batata, informa elle, é muito moderna em Portugal, e a sua cultura entre nós não irá além do anno de 1810. Tanto a batata como a fava são de natureza fria; mas a batata mais ainda. Este tuberculo quer terra leve e areosa. Por isso, se acontece haver dois annos a fio frescos e humidos deve-se contar com a doença da planta; porque toda a terra areenta é fria de si, e como a maior sementeira da batata é em fevereiro e março, no nosso paiz, recebe a maior fôrça da friagem, não so a propria do anno mas tambem a extraordinaria d'aquelles em que ha muitas chuvas-de-pedra e neves.

A doença é uma *mella-negra*, que faz seccar a rama e mancha o germen que ja tem gerado; e provém da planta ser atacada com fortes nevoeiros ou granizo em dias successivos, quando está gerando o fructo, vindo-lhe depois dois ou trez dias de sol, e renovando-se após d'estes a nevoa. Isto acontece sempre que o anno antecedente foi muito fresco, e o que se lhe segue continúa na mesma frescura. E não so a batata é subjeita á mella; mas tambem a ervilha e a fava, a cuja doença alguns chamam alforra.»

Aqui está tudo quanto a este respeito posso dizer por em quanto; mas não me descuidarei de dar conta do que me chegar á noticia a este respeito, e me pareça ser util fazer conhecido do pùblico.

POÇOS ARTESIANOS.

682 Na opinião de M. Arago desde o seculo VI que se conhecem no Egypto as fontes de jorro artificiaes. Os viajantes modernos dizem que os habitantes do deserto de Sahara conhecem os poços artesianos. A Italia tambem tem d'estes poços que remontam a grande antiguidade. Na França o mais antigo poço d'este genero foi construido em 1126. Não posso precisamente dizer nada do que ha entre nós a este respeito. Sei da existencia de verrumas artesianas em Portugal, tenho mesmo ouvido fallar da construcção de alguns d'estes poços; mas de nada mais posso informar os leitores. É um mal e uma vergonha para todos os que escrevemos, que de tudo possamos tractar, e descrever, quasi como se as vissemos, as coisas extrangeiras, e do que menos estamos habilitados a fallar é do que aqui se passa, do que entre nós ha! Mas que hade ser, se nós nos livros e nos jornaes extrangeiros tudo achâmos do que é do seu paiz, a mais pequenina circumstancia das coisas, e ca, do que é nosso, ou não havemos fallar, ou arriscâmo-nos a fazel-o inexactamente, ou havemos de gastar tempo que não temos, consummir a paciencia propria e alheia, em demanda de dados, a fazer indagações, muitas vezes infructuosas até por má vontade d'aquelle mesmo a quem taes informações melhor conviriam, ou de dever tinha dal-as! É porque no extrangeiro tudo se escreve e se diz até a saciedade. As informações não é mister diligencial-as, veem trazel-as os proprios, por qualquer modo que seja interessados no objecto; pedem ainda em cima por grande obsequio a publicação dos detalhos todos, sabem agradecel-o, e não poucas vezes um escriptor obtem grande nomeada por algum escripto onde apenas é sua a redacção. Nós somos descuriosos, negligentes, emperrados. São manhas que o paiz hade perder; mas sabe Deus ainda quando!

Tornando porém aos poços artesianos, quasi nada sei d'elles em Portugal, como dizia; e se fosse mendigar informações para podèr fallar d'elles, talvez tarde ou nunca escrevesse este artigo, como a outros me tem acontecido. Somos ca muito poucos os que *que-*

remos, e são quasi todos os que *não querem* que esses poucos *possam*. Como ia dizendo. Assim que se conheceu a grande importancia dos poços artesianos, logo muitos homens intendidos se applicaram especialmente á construcção d'elles.

Em 1818 a sociedade promotora da industria-nacional, em França, propoz um premio que foi ganho em 1821 por Garnier, ingenheiro em chefe das minas, pela sua obra intitulada: *L'art du fontainier sondeur*. D'então para ca, a arte de fazer fontes de jorro tem feito progressos immensos.

Um poço artesiano é, por assim dizer, uma das partes de um siphão voltado, onde o liquido contido tende a por-se em equilibrio de pressão com a outra parte formada pela natureza. Supponhamos um como funil immenso que tenha cem leguas de diametro, formado pelas revoluções do terreno em epochas remotas; supponhamos que o fundo e as paredes d'este funil, revestidas alternativamente de camadas permeaveis e impermeaveis, stratificadas a principio horisontalmente, alçaram se com éstas paredes até tocar o chão na maior parte do circuito d'esse supposto funil, cuja cavidade vasia então póde ser cheia ulteriormente de camadas horisontaes que se não tenham alçado nunca. É evidente que as aguas das chuvas que cahirem sôbre as camadas permeaveis as penetrarão e occuparão todos os seus intersticios, depois as suas maiores profundidades até ao nivel do solo em que éstas aguas começam a penetral-as.

Se fizermos um buraco com a sonda em qualquer ponto do funil até encontrarmos alguma das camadas permeaveis, a agua subirá por esse buraco até á altura correspondente ao seu nivel nas bordas do funil. Se o buraco for feito acima d'este nivel a agua não rebenta, mas teremos um poço que não seque nunca; pelo contrário, se for mais abaixo, teremos uma fonte de jorro proporcionada á differença dos dois niveis.

Tal é na sua maior simplicidade a theoria dos poços artesianos. Mas o prático percisa saber muito mais do que ésta simples theoria. Os cataclysmos que teem formado similhantes funis nem em toda a parte produziram as mesmas condições. Frequentemente, as camadas permeaveis não são continuas, e de dois buracos muito proximos um dará agua em abundancia e o outro ficará secco: mil outras causas podem dar o mesmo resultado.

Mas se os conhecimentos geologicos são, á vista d'isto, indispensaveis para fazer furar um poço artesiano, a habilidade não deve ser menor na escolha e uso dos instrumentos. A natureza dos terrenos atravessados pela sonda é muito variavel e exige utensilios de diversa natureza. Uns atacam o fundo do furo girando á maneira das verrumas, outros quebrando-o. No primeiro caso o mesmo instrumento traz para cima as materias verrumadas; no segundo caso é necessario fazer descer outro instrumento que tire os fragmentos feitos pelas pancadas do primeiro instrumento.

Para accrescentar o instrumento perfurante á proporção da profundidade em que se vai enterrando, tem-se usado de differentes meios. Longas varas de ferro que se vão unindo pelas extremidades umas ás outras, accrescentam o instrumento. Este systema de união é que varía segundo os differentes methodos. Usavam de roscas; mas este methodo tinha grandes desvantagens, sendo a primeira o não se poder mover a sonda senão sempre para o mesmo lado: tambem muitas vezes succedia quebrarem as roscas, querendo obrigar a sonda d'encontro a algum obstaculo mais resistente.

Este methodo porém está hoje muito aperfeiçoado por M. Mulot, e removidos todos os seus inconvenientes; e o da sondagem em geral por M. Degoucèe. Eu seria fastidioso se quizesse descrever technologicamente este methodo ingenhoso; se porventura algum dos leitores da Revista tiver interesse em conhecel-o, ficará completamente satisfeito consultando a *Revista scientifica e industrial* d'agosto de 1845, aonde miniuciosamente se acham descriptos todos os instrumentos necessarios para abertura dos poços artesianos, e a maneira de que nos devemos servir d'elles. Até ésta epocha o mesmo Mulot tinha executado por si mesmo ou dirigido 250 furos importantes, tanto em França como no extrangeiro; entre estes o famoso poço de Grenelle, hoje celebre pela sua grandissima profundidade de 558 metros, e cujas aguas repuxam a 33 metros acima do chão; e Degoucèe tinha executado 333 trabalhos da mesma natureza.

Se eu não receiasse tornar este artigo demasiado extenso, daria agora uma ideia do curioso processo de sondagem chinez, e dos instrumentos n'isso empregados, hoje postos em uso na Europa por M. Jobard de Bruxellas.

Os poços artesianos são um dos maiores beneficios publicos para a humanidade. A carencia d'elles é hoje uma *miseria* em qualquer nação. N'um paiz abundante d'aguas como o nosso; mas que ao mesmo tempo carece em quasi todo elle de as haver em circumstancias de podér aproveital-as, a falta de fontes artesianas não se explica decorosamente. Parece impossivel que o Estado, as municipalidades, uma companhia, um particular, não tenham alguns contos de réis para appiicar a éstas empresas. Como provincia, o Alemtejo, desde as irrigações para os trabalhos agricolas, até á bebida, para a manutenção do homem; como cidade, Lisboa, desde as necessarias para o uso domestico até aos lavatorios públicos, que por vergonha nossa não usâmos; carecem absolutamente de poços artesianos. Continuar ésta carencia é um desar para a nação, e um mal para os povos. Teem-se feito companhias para tanta coisa, e só não se fará uma para abertura de furos artesianos em Portugal?

DAS CAUSAS QUE TEEM INFLUIDO NO ANDAMENTO DA CIVILIZAÇÃO EM DIVERSOS PAIZES. [*]

333 Assim como a civilização avança assim attenua gradualmente a maior parte das differenças que a diversidade dos centros em que vivem as sociedades propende a pôr nas fórmas da sua actividade. Éstas porém dilatam-se muito, e tanto se acham nas ideas e sentimentos dos povos como nos gôstos que presidem ao emprêgo de suas riquezas.

Partindo das regiões equinoxiaes até aquellas em que se succedem estações diversas, as propensões da intelligencia differem sensivelmente. As necessidades reaes são em tam pequeno número debaixo do bello

[*] Continuado de pag. 64.

ceu dos tropicos, que o homem tem poucos esforços a fazer para lhes dar satisfação. Livre de cuidados e preoccupações que lhe tomariam toda a attenção sôbre as realidades do mundo material, o seu pensamento se erguerá com mais ardor para as altas espheras onde volteiam os mysterios do mundo invisivel. A origem do universo, os fins da humanidade, os designios, os attributos, a essencia do creador, taes são os dominios que elle gosta de investigar, ainda mesmo a risco de se perder. Por isso em todos os tempos a Asia-meridional tem sido fecunda em poetas, methaphysicos, espiritos contemplativos, inventores de cosmogonias e systemas theosophicos. É o paiz onde o sentimento religioso domina mais constantemente os espiritos, e de seu seio teem sahido as grandes crenças que continuam a quinhoar a terra. Mas as sciencias positivas, o estudo paciente e regular das leis da natureza, os conhecimentos que se transformam em meios de bem-estar e de fôrça, isso tudo bem pouco importa ao Oriente; comtudo, sem ésta parte das conquistas da intelligencia, a civilização hade gyrar eternamente no mesmo circulo.

A mesma influencia se reproduz no uso das riquezas e na direcção que este uso imprime ás artes. Quanto menos numerosas são as necessidades menos a idea do util obtem logar nas invenções destinadas a satisfazer o luxo das altas classes. Nos paizes quentes é o brilho exterior que faz o merito dos objectos em que se desinvolve o talento dos artistas. Os grandes, primeiro que tudo, devem deslumbrar os olhos para dar alta idea da sua magnificencia. O seu vestuario é sobrecarregado de perolas e diamantes; o oiro e o marfim cobrem os arnezes dos seus cavallos nos palanquins que os conduzem; não se apresentam aos olhos da multidão senão acompanhados de criados cujo número dá testemunho da extensão de seu poderio; mas as suas moradas esplendidamente ornadas não teem senão esteiras e trastes mal apropriados aos usos ordinarios da vida.

Nos paizes porém em que a temperatura menos ardente permitte viver-se ao ar livre, os gôstos apuram-se e ennobrecem-se. A belleza-ideal das fórmas é o que se procura em todas as coisas. Taes paizes são a residencia predilecta das artes-plasticas; as suas obras são objecto de viva e profunda admiração, e todos dão grande valor em possuil-as.

Chegados ás regiões em que os rigores do frio se fazem sentir, subsiste sempre nos gostos alguma influencia das luctas a que elles dão causa. O ricco procura que os objectos de seu uso o distinguam não so pela utilidade d'elles mas tambem pela sua belleza e graciosidade. E preferem aquelles que com fórmas ingenhosamente combinadas melhor o preservam dos incommodos que se receiam, ou mais lhe augmentam o bem-estar que o clima faz appetecer.

Comparai com as tendencias do genio grego as que, na moderna Inglaterra, com mais esplendor se manifestam, e vereis as differenças que podem produzir alguns graus de latitude. Apenas a Grecia sahiu da barbaria, tornou-se logo a terra classica das bellas-artes, a parte onde ellas tiveram impulso mais prompto e magnifico. Em todos os logares se levantavam monumentos de admiravel architectura; as praças públicas, as ruas das cidades, as moradas dos cidadãos ornaram-se d'estatuas, pinturas, vasos de exquisita perfeição; mas mesmo antes que uma multidão de primores d'obra attestassem a que poderosa expressão se tinha elevado o sentimento do bello, as artes mecanicas, os trabalhos productivos eram desdenhados, e aos maiores personagens faltava-lhes uma quantidade de objectos cujo uso lhes teria feito a vida mais commoda e suave.

Na Inglaterra, é o *confortable*, para me servir da expressão characteristica do paiz, o fim dos desejos e ancia de todos. Á excepção de alguns edificios devidos ao zêlo religioso das idades antigas, as cidades teem poucos monumentos em que a arte tenha sido chamada a manifestar todo o seu podêr, e os mesmos particulares pouco lhe sacrificam. Antes de se cercar de objectos que se compraza em contemplar, o inglez, procura satisfações mais substanciaes. Ás talhas e aos quadros que completam a sua mobilia, prefere as cadeiras de mollas em que se repousa, os tapetes que seus pés pisam; o fogão que o preserva do frio e da humidade, a carruagem bem montada que o transporta, são as coisas cuja boa-feitura mais lhe importa, e cujo aperfeiçoamento o seu luxo cada vez mais exige.

A cultura das bellas-artes é um nobre e agradavel emprêgo da riqueza, e todo o povo que desdenhasse essa cultura ficaria extranho a certas commoções cujo attractivo nunca é sem influencia na belleza do espirito. As maiores vantagens sociaes resultam porém, da attenção obtida pelas industrias cujos productos se convertem em meios de bem-estar. Quanto mais os consummos da opulencia provocam os homens de talento e imaginação a accelerar-lhe os progressos, mais se multiplicam e vulgarizam as descubertas uteis, e mais se extende a sua applicação em proveito das massas facilitando o melhoramento da sua sorte.

Platão queria que os poetas, depois de terem sido coroados de flores, fossem bannidos da sua republica. Mais valia que primeiro Platão se tivesse lembrado que não ha dom de espirito, faculdade da intelligencia que não dê fructos beneficos; mas qualquer que seja a admiração que nos produzam as obras dos Phidias e dos Apelles, temos para nós que as dos Arkwright e dos Watt são dotadas de um podêr civilizador de uma ordem muito mais superior. Armando o homem de novas fôrças productivas, essas taes obras alargam as vertentes d'onde elle extrahe todos os bens d'este mundo, tanto a sciencia como a riqueza.

Estes detalhos em que acabâmos de entrar não devem deixar nenhuma dúvida sôbre a extensão da influencia exercida pelas differenças de clima e de situação local. Terras ferteis, largas vias de communicação mercantil, temperaturas que, sem as tornar incommodas, diversificam as necessidades, taes são as condições de vida e progresso sob os quaes a civilização tem florescido. As sociedades que as tem achado reunidas no solo que ellas habitavam teem passado adiante das outras. As que as não teem achado senão incompletas e insufficientes, teem marchado mais devagar, ou ficaram immoveis.

Designados estes factos naturaes cujo imperio se tem exercido na civilização, não nos temos occupado senão dos mais geraes e importantes. Alguns outros ainda não teem deixado de ter sua parte de acção. Estes todavia não teem tido actividade mais do que em pequeno número de pontos, e como em difinitivo, a

sua existencia não tem consistido senão em assegurar mais ou menos as facilidades do augmento das populações, permutação de productos, subdivisão e energia do trabalho, superflua seria a demora em descrevel-os.

Agora o que convem notar, é a ordem em que as circumstancias locaes cujo concurso tem decidido da marcha da civilização, lhe teem servido de vehiculo. Nem todas comeffeito teem sempre manifestado quanto podem, e algumas ha que so teem operado tardiamente quando ja as sociedades tinham adquirido grandes desenvolvimentos. D'este modo, nas primeiras idades, a unica causa de progresso foi a bondade das terras, e ésta causa mesma não foi efficaz senão sôbre os pontos do globo em que as populações encontravam com facilidade de que subsistir, multiplicavam depressa e disfructavam commodidades favoraveis ás acquisições da intelligencia. Muito tempo depois é que a prática do commercio e da navegação produziu os seus fructos. Foi necessario, para que os paizes maritimos começassem a tirar partido das vantagens da sua situação, haver conhecimentos que se não podiam adquerir senão pelas facilidades de concentração offerecidas ás populações pela extensão do trabalho agricula. Mais tarde ainda, as exigencias dos climas variaveis vieram a ser um motor de certa actividade. Emquanto que as artes mecanicas estavam pouco adiantadas, os povos habitadores de regiões onde ha longos hinvernos jazeram curvados ao pêso de suas numerosas necessidades, e a sua sorte so melhorou com o auxilio de luzes lentamente accumuladas e transmittidas por outros paizes que, na origem, tinham parecido mais felizmente dotados pela natureza.

Finalmente, ha apenas um seculo que as condições atmosphericas a que se prendem as fórmas do regimen rural e industrial fazem sentir a sua acção. D'antes, a falta de motores não permittia a fabricação em grande, e em toda a parte os trabalhos manufactureiros se misturavam com os da agricultura. Talvez que particularidades locaes, até aqui sem influencia appreciavel, venham a ser algum dia do número das causas que actuem sôbre o progresso da humanidade, e então se verá a civilização realizar em parte as conquistas que ainda lhe restem a fazer nos logares em que ella agora se acha atrazada.

(Continúa.) *H. Passy.*

NOVO SYSTEMA DE PHAROES DESTINADOS PRINCIPALMENTE PARA OS BARCOS-DE-VAPOR.

684 Occupando-me ha muitos annos da applicação da luz-Drummond, consegui podêr produzil-a sem empregar o hydrogenio, substituindo-o pelo vapor de ether ou alcool. Sôbre estes principios construi um apparelho d'illuminação a que chamei *pharol-sideral*, e o qual tem sido estudado com todo o cuidado pela marinha-real. Está provado que este pharol (cuja fôrça illuminadora não excede a quinze vellas) póde fazer distinguir um navio na distancia de pouco menos de uma milha.

Tendo sido encarregado este anno pelo ministro da marinha, de applicar o meu pharol aos barcos-de-vapor de guerra, parti para Toulon; e, depois de haver tomado conhecimento das condições do problema, fiz estabelecer um pharol em cada uma das caixas das rodas, o que satisfez plenamente a commissão; mas então eu tive que me limitar a focos luminosos de menos fôrça, inextinguiveis pelo temporal, e que podessem, com a sua luz, dar mostras em qualquer distancia das embarcações e sentido em que navegassem; não tendo elles (os vapores) para se darem signal mutuamente, até agora, senão lanternas de azeite que se apagam a cada instante e dão fraquissima luz.

É necessario ter visto fragatas de 450 cavallos, massas enormes que se movem com a velocidade de dez a dôze milhas por hora, e que obedecem ao leme muito devagar, por causa do seu grande comprimento, para comprehender o perigo que ha em não ver ou não ser visto claramente e bem cedo. Todos os commandantes me fallaram de abalroamentos a que so com muito custo poderam escapar, e affirmaram-me que o seu andar de noite era sempre com receios e cheio d'inquietações.

O pharol de que se tracta compõe-se de um reservatorio de oxigenio, d'onde o gaz se escapa debaixo de uma pressão de 3 ou 4 millimetros de mercurio, e esguicha para o centro de uma chamma de alcool, por um tubo vertical que occupa o eixo do pavio e tem no bico um pequeno buraco; a flexa vertical assim produzida faz brilhar um pequeno globulo de magnesia soldada a um fio de platina: finalmente, a lampada armada de um reflector parabolico cujo foco é occupado pelo globulo, está collocada dentro de uma lanterna, munida de um vidro chato na parte interior. Para uma luz de dez vellas, o consummo do oxigenio é de 17 litros por hora.

Eu pensei pois que este pharol sideral sería de uma applicação vantajosa para as locomotivas dos carris-de-ferro e para as diligencias, podendo illuminar a estrada muitos centenares de metres antes, e tambem para signaes de noite a grandes distancias, porque estes fogos podem ser vistos, segundo o seu eixo, a 10 ou 12 leguas, susceptiveis pelas côres de numerosas combinações etc.

(*Gaudin*—Le Technologiste, mai, 1840)

BARCO SUBMARINO E FLUCTUUNTE.

685 No mez passado fizeram-se em Nantes os ensaios de um novo apparelho acabado de construir. Este curioso apparelho é um barco que deve prestar grandes serviços nos trabalhos submarinos; foi destinado para a operação de quebrar as pedras e rocha que ha na entrada do porto de Croisic.

O barco é de folha de ferro, com muitos compartimentos, uns para receberem agua outros ar compresso, uma machina de vapor e bombas d'ar e agua. Os operarios ficam no centro, e para sua segurança estão tomadas todas as cautellas e as mais intelligentes disposições. Grandes valvulas de introducção e evacuação d'agua e ar, como se quizer, e muitos tubos de respiração, completam o apparelho.

Este barco póde submergir-se ou fluctuar, á vontade; porque a sua machina de vapor e bombas estão dispostas para lhe poderem introduzir, ou extrahir conforme as circumstancias exigirem, a agua ou o ar que for preciso.

NA REVISTA antecedente, pag. 65, col 1, lin. 10, onde se le *Seris*, deve ser *Paris*.

PARTE LITTERARIA.

ESTADO ACTUAL DA LITTERATURA EUROPEA. (1)

686 A prensa periodica, que tam grandes serviços faz á humanidade, debaixo d'outros aspectos, é funestissima á litteratura, não so pela precipitação com que é mister escrever para os jornaes, que não dá tempo a corrigir e ás vezes nem mesmo a meditar o que se escreve; mas tambem pela facilidade que offerece aos genios ainda não formados e sem instrucção, de apresentar ao público as suas indigestas e incorrectas composições, e assim satisfazerem a sua presumpção juvenil e tornarem-se incorregiveis. Temos sido testimunhas de um successo lamentavel occorrido por causa d'esta sede prematura de gloria que atormenta aos mancebos. Um d'elles de mui curta edade suicidou-se em Paris porque lhe assobiaram o primeiro drama que havia dado para o theatro. Terrivel exemplo dos funestos effeitos da incredulidade unida ao orgulho!

Não desconhecemos que a palavra *correcção* desgosta áquelles que creem que para ser poeta bastam genio e inspiração. Voltaire, que desgraçadamente foi o mestre do seu seculo em muitas coisas que não sabia; mas a quem ninguem poderá negar o merito de ter sido o primeiro litterato do seu tempo, dá n'esta materia uma maxima mui notavel: *devemos compor com todo o estro da inspiração mas devemos corrigir com toda a frialdade da crítica.* O maior genio, os mais felizes pensamentos não produzirão mais do que insoffriveis aleijões, se se não baterem na bigorna os versos inharmonicos, as ideas mal explicadas, as phrases viciosas, as expressões sem colorido, inopportunas ou improprias. Porque nos desagrada tanto a leitura aturada de Lopo de Vega, o poeta que mais se entregou ao seu genio e que menos se corregiu? Por que os seus excellentes versos estão misturados com defeitos intoleraveis, que chegam algumas vezes até á absurdidade.

É loucura crer que um periodo poetico sahe, como Minerva armada da cabeça de Jupiter, inteiramente perfeito da penna do poeta. Alguma vez assim succede, mas em rarissimas occasiões. O mais commum é occorrer um excellente pensamento e ter de luctar largo tempo, para devidamente o expressar, com a difficuldade da rima e do metro, ou mesmo com a lingua para lhe arrancar, digamos assim, as vozes mais graphicas ou as phrases mais harmoniosas. Ajuncte-se a isto, que apezar de toda ésta contenda e trabalhos, é mister que appareça o periodo poetico tam facil como se houvera occorrido repentinamente. A inspiração pois, é para o pensamento: a perfeição da linguagem é filha da lima. Ésta distincção importante não é conhecida dos que affectam acreditar que os melhores versos são os que primeiro occorrem. Para os convencer do contrário basta observar que nenhuma composição improvisada ainda mereceu passar a posteridade; nem se conhece poema nenhum digno dá attenção do público d'aquelles que compoem os chamados poetas improvisadores. Tornemos porém ao nosso proposito de que nos desviou a necessidade de provar a importancia da correcção.

(1) Concluido de pag. 68.

A divisão em partidos da actual republica das letras (se *republica* se póde chamar o que na realidade não é mais do que anarchia) tem augmentado os males; não se tracta ja de ser bom poeta ou bom escriptor, mas de ser classico ou romantico. A polemica dos partidos em politica e em litteratura, é o pratinho dos que não tem genio nem para governar nem para escrever. Depressa se desce ás personalidades n'estas especies de contendas; e bem se sabe de que servem as personalidades para a perfeição dos estudos.

O desprêso que tam publicamente se alardea por parte de uma d'estas escholas, para todas as regras e principios que formam a arte e a sciencia das humanidades, e dos modelos que nos deixaram os grandes homens que nos precederam, promove a ignorancia e multiplica os monstros. Quer-se que a poesia seja entre todas as bellas-artes a unica que não necessita de estudos; e a mais nobre, a mais sublime de todas póde ser exercida por qualquer ignorante, mesmo por aquelle que não conhece o edioma em que versifica! É impossivel dizer desatino mais solemne.

Alguns desculpam-no, observando que ésta é uma reacção propria da epocha, em vindicta da injustiça com que seus contrarios — os classicos — desconheceram no último terço do seculo passado o merito de nossos escriptores dramaticos do seculo XVII. Nós somos os primeiros a censurar essa injustiça; mas quando se viu que a iniquidade de um partido sanctifique a reacção do partido opposto? *Tu desdenhaste Calderon e Lope, pois eu despréso Corneille e Racine.* Ésta é a logica das regateiras. Convem ella porventura, aos homens que tractam de litteratura e de critica litteraria? Não sería muito melhor que celebrassemos em cada um dos generos os seus acertos e reprovassemos as suas faltas?

Na verdade, causa tedio ouvir a Montiando e Luyando, auctor de detestaveis tragedias, dizer nos prologos, tam soporiferos como as tragedias, mil necedades contra o nosso theatro antigo. Enojâmo'nos de ler no prologo que fez Moratin-pai á sua triste comedia da *Petimetra*, declamações contra as comedias de Lope de Vega. E quem soffrerá a Velazquez, no indigesto compendio que escreveu da historia da poesia castelhana, tomar um tom magistral e julgar desatinadamente do que nem intendeu nem siquer foi capaz de intender? Éstas criticas foram injustas, porque foram estupidas. Mas nem por isso devemos ter por perfeitos os auctores criticados. São dignos de nota o prosaismo tam commum de Lope, a immoralidade de Tirso, o gongorismo habitual de Rojas, as symetrias de Calderon, as chocarrices algumas vezes substituidas por Moreto ao verdadeiro sal comico. Estes defeitos notou o nosso Luzan com summo talento e imparcialidade, e estes defeitos deram logar ás criticas impertinentes de seus succesores. Em Corneille e Racine tambem se notaram defeitos: mas nem de uns nem de outros devemos desconhecer por motivos d'estas manchas os excellentes dotes que possuiram. A justiça litteraria consiste em dizer a verdade toda inteira quando se julga um escriptor. Nada é mais mentiroso do que uma meia-verdade.

Em quanto ás regras a nossa opinião é que as ha, como na pintura e na musica. Sem regras não ha arte. Alguma vez porventura se terão dictado algu-

mas que se não deduzem com todo o rigor dos principios da sciencia da belleza, póde ser tambem que algum escriptor das duzias, que se dedicasse a coiligil-as, sem talento nem principios, tam supersticioso adorador de Aristoteles e Horacio, como incredulos são os adversarios d'elles, chegasse a promulgar como regra infallivel o que aquelles citaram apenas como uso admittido. Sirva de exemplo a divisão do drama em cinco actos, que Horacio indica so como um costume do theatro latino, ainda que não faltam razões philosophicas para a justificar; mas não para a fazer tam obrigatoria que sem ella deva ser despresada uma tragedia ou uma comedia bem escripta. Confessaremos pois sem difficuldade, que se teem dado como canons invariaveis os que na realidade o não são; mas certifiquemos ao mesmo tempo que é falso tudo quanto se tem dito de que elles poem embaraços ao genio. Certifiquemos mais, que elles são muito mais favoraveis ao poeta do que essa illimitada liberdade com que tam gratuitamente os quiz mimosear a nova eschola.

O verdadeiro genio triumpha de todas as difficuldades, e produzirá sempre grandes coisas apezar dos obstaculos que se lhe opponham. Temos visto os principes do theatro francez superar quantos obstaculos lhe opposeram as severas leis que n'aquella nação tinha a poesia dramatica, ainda mesmo que essas leis não fossem, rigorosamente fallando, obrigatorias. O theatro hispanhol d'esse tempo, mais livre de prisões litterarias, não desconhecia comtudo as da moral e da politica. Um e outro produziram excellentes composições. O drama hoje quebrou todos os freios, e que é que elle produz? Que uso faz o genio de tanta liberdade como tem adquirido? Despenhar-se.

As regras dão certo estimulo para vencer os obstaculos que ellas mesmas apresentam; o talento concentra-se em si mesmo; adquire novas forças; medita, combina o plano; e por isso que trabalha mais e estuda melhor a materia sente mais vehementes as inspirações, e chega assim á perfeição. O genio livre copia para o papel o que lhe occorre; não corrige; não contempla o seu assumpto; marcha a seu alvedrio vagamente e sem direcção, e ás suas producções falta sempre a consistencia que resulta das difficuldades previstas e vencidas.

Temos procurado expor as differentes causas que hão produzido a anarchia que se nota actualmente na literatura, e que tem summa connexão com a que se nota tambem na ordem social. A principal d'ellas, e que comprehende as demais todas, é a escassez do genio, a qual é produzida pelo character materialista que deram á sua epocha os philosophos do seculo passado. Felizmente a sociedade vai, se bem que paulatinamente, recobrando debaixo de fórmas politicas mais protectoras as ideas moraes que d'antes a sustentavam, e as crenças que em vão diligenciaram destruir para sempre. Quando se hajam restaurado inteiramente essas ideas moraes, tornará a brilhar o genio poetico com esplendor novo, e os bons estudos restabelecidos aperfeiçoarão o bom gôsto quasi desconhecido em nossos dias.

(Traduzido de *D. Alberto Lista e Aragon*, 'Ensaios litterarios e criticos').

POESIA.

O VALLE.

(MEDITAÇÃO DE LAMARTINE.)

687 C'o o peito lassó mesmo da esperança
De votos não irei cançar a sorte:
Dai-me so, verdes valles,
Que vistes minha infancia venturosa,
Para a morte aguardar um breve asylo.

Eis do sombrio valle a angusta senda,
E as matas, que no outeiro espessas pendem,
Que sôbre minha fronte
Sua frigida sombra recurvando,
Inteiro de silencio e paz me cobrem.

Dois ribeiros além na relva occultos
Os circuitos do vall'colleando traçam,
E as ondas, e o murmurio,
Por breve instante amigos, esposando,
Perto de seu nascer inglorios morrem.

Perdida assim sem fama, e sem renome
Sem mais podêr voltar, passa-me a vida;
Sem que ao menos a alma
Enturvecida, como a linfa pura,
Do dia reflectir os brilhos posso

Arrouba-me o frescor e a amante sombra
Nas margens do ribeiro o dia todo,
E qual no berço o infante
Pelo toar monotono animado,
Das aguas ao fragor, minh'alma dorme.

La de verdura asylo me circumda,
Curto horisonte satisfaz meus olhos,
E a sos co' a natureza
Fixar me apraz os passos meus errantes,
E os ceus so contemplar e ouvir o arroio.

Muito ja vi, senti, e amei na vida,
Hoje do lethes so busco o descanço;
— Sede p'ra mim, ó campos,
As ribas onde o bem e o mal se esquece
Que feliz so posso ser co'a deslembrança. —

Tranquillo é o coração, minh'alma é muda,
E tal longinquo som, que o ar fendendo
A meu incerto ouvido
Pela distancia enfraquecido chega,
Assim do mundo aqui os sons expiram.

Evair-se-me na sombra do passado
Ligeira a vida por um veu contemplo,
E existindo superste
Ao acordar d'um apagado sonho
Unico o amor ficou, image' ingente.

Descansa, ó alma, n'este asylo extremo,
Como o viageiro que firmando o peito
Nas ancoras da esp'rança,
Antes de entrar pousa ás portas da cidade,
E fragrantes da tarde elluvios sorve.

Pois que é este caminho irremeavel,
Imitando-o, nossos pés despoluamos
Do pó, e da corrente
Vital no extremo fim resfolgar vamos
Da eterna paz o precursor descanço.

No pendor das collinas como a sombra
Teus dias baixam curtos e sombrios
Quaes do outono os dias:
Trahem-te amigos, deixa-te a piedade,
E desces só da tumba a vereda escura.

Engolfa-te em seu seio que amplo te abre
Natura, que além te ama, e está chamando;
E ao passo que é mudavel
Tudo p'ra ti natura é sempre a mesma,
E o mesmo sol sôbre teus dias se ergue.

Ora luz, ora sombra elle te esparge;
Desfeiçoa-te dos inanes bens, que perdes,
Adora o Ser divino,
Que Pythagoras viu, como elle attento
Escuta os hymnos, que as espheras cantam.

Segue o dia no ceu, na terra a sombra,
Co' o vento sulca do plaino ethereo os ondas,
E nas sombras do valle,
C'o os meigos raios do astro do mysterio
Por entre os bosques placidos deslisa.

Pois que o espirito nosso um Deus concebe,
Descobre seu feitor na natureza!
Na tacitez da noite
Uma secreta voz nos falla á mente;
E quem inda a não ouviu dentro do peito?!

L. Ribeiro.

ESPECTACULOS.

THEATRO-NACIONAL — SAN'CARLOS, GYMNASIO, SALITRE, RUA-DOS-CONDES.

688 *O Alfageme de Santarem*, drama bem conhecido ja no theatro e pela imprensa, do auctor do *Auto de Gil-Vicente*, foi reproduzido na scena no dia 5 do corrente. A epocha heroica de D. João I, os costumes populares e cavalheirescos d'aquella idade, a côr nacional do tempo, os patrioticos sentimentos de nossos antepassados, acham-se retractados n'este drama tam fiel como elegantemente.

Os dois grandes elementos sociaes, o aristocratico e o popular, n'esse tempo tam unidos na essencia como separados na fórma, incontram-se ahi face a face com toda a consciencia da sua fôrça, com todas as preoccupações da sua classe. O amor é sim o laço que ata no drama toda a urdidura d'elle, mas ésta é mais nobre, mais real, mais characteristica, mais instructiva; grandiosa no pensamento bella na execução.

Cada um dos sentimentos que o auctor quiz pôr em acção no seu drama está personificado n'uma figura. Mas a excellente creação de Froilão-Dias, é porventura a que dá mais honra ao theatro-portuguez. É um typo do sacerdote popular, de um verdadeiro pastor das almas fóra das grandes cidades, de um chefe de familia e de um amigo. Não sei porém a que deva dar a preferencia, se a todas éstas qualidades reunidas, se á belleza do dialogo, singelleza do estylo e propriedade da linguagem em que o drama está escripto. O dialogo entre D. Nuno e Alda, no 3.° acto, outro no 4.° acto, entre Alda e Froilão, ambos excellentemente recitados por parte da Sr.ª Emilia e ainda do Sr. Tasso e Victorino, são, principalmente de uma delicadeza e de um mimo que incantam.

O drama estava bem posto em scena, e a vista da Ribeira de Santarem, deixando ver toda a encosta dos montes sôbre que se ergue a villa, e bem no topo o famoso castello mourisco, é magnifica. A musica nem sempre, nem do mesmo modo foi feliz em todas as peças lyricas que ornam a peça; comtudo o hymno do Alfageme, assaz bem cantado pelo bello timbre de voz do Sr. Celestino, o romance da Bella-infanta, em seu tonadilho peculiar, e talvez alguma copla mais, pareceram-me d'uma melodia bonita e adequada.

No theatro de San'Carlos não se verificou o beneficio que se annunciára; mas a companhia que esteve no Porto, cantou tres noites em seu proprio beneficio a opera Hernani, realmente uma bella producção do ja hoje celebre Verdi. A Sr.ª Rocca tem a voz pequena e pouco fresca, mas agradavel, e sabe disfarçar aquelles defeitos com a habilidade de cantora experimentada que é, e muitas vezes com mimo. O Sr. Barbieri tem uma linda voz de tenor nos pontos altos, que dá com a maior espontaneidade e que produzem o melhor effeito nas peças concertantes; a sua voz grave porém é um pouco guttural; mas do que o Sr. Barbieri mais necessita é do estudo da scena e do canto. Quasi o mesmo se póde dizer do Sr. Patriossi, que tem aliás uma bonita voz de baritono e sufficientemente volumosa. Éstas tres partes, com outras tres de merito superior, constituiriam em San'Carlos uma bella companhia.

É de crer que a tenhamos. Eu não quero acreditar em certos boatos agoireiros que espalham a *vox diabuli* de que o govêrno elimina a verba do subsidio ao theatro-italiano. Sería uma reforma negativa. Façam embora carregar este subsidio, por exemplo, na alfandega das Sette-casas, se acham pouca justiça em que as provincias participem d'esse onus: mas que se attendam ás considerações politicas e sociaes que aconselham a existencia do theatro-italiano; olhe-se para os muitos centenares de pessoas a quem elle dá sustento e abrigo; calcule-se o que d'esse subsidio reverte ao thesoiro em direitos de generos, decimas, impostos etc. Mais d'espaço desenvolverei este assumpto se necessario se fizer.

O Theatro-do-Gymnasio representa o *Leque*. É uma peça de côrte, de bastante chiste, mas superior aos meios da companhia. *A familia do boticario* é uma farçola que faz rir muito o espectador.

No Salitre não ha novidade por ora.

A novidade da semana foi na noite de 6 a representação magica de Mademoiselle Anguinet no theatro da Rua-dos-Condes. A interessante prestigiadora foi applaudida, e uma boa parte da *magica* do seu *palacio-incantado* merece ser vista.

BIBLIOGRAPHIA.

689 Pedem-nos de Coimbra a publicação do seguinte:

ANNUNCIO.

Continua a publicação do *Grito Nacional* conforme o que promettemos em o n.º 24. E' uma empresa calculada em tudo para o povo. Assumptos, extensão, estilo, tudo é subordinado ao mesmo fim. As classes, e as especialidades tem as suas publicações periodicas; o povo, intendemo-lo nós assim, não tem ainda o seu jornal. Para ser jornal do povo, não basta o nome, isso é o menos. Compativel com o seu tempo, escripto na sua linguagem, occupado dos seus interesses, calculado para a sua intelligencia, independente como elle, são qualidades que se requerem de mais. Nutrir no povo o verdadeiro espirito de liberdade é um problema digno. *O Grito* tem poucas forças para a empresa, mas tem esse proposito, é o seu desejo — fim ultimo. Uma boa eleição de deputados é agora o grande empenho nacional. *O Grito* deseja principalmente fallar ao povo nesta materia, e espera a continuação da mesma confiança que tem merecido. Sahirá tres vezes por semana; terças, quintas e sabbados, avulso 20 rs., por mez 240, trimestre 720, assignaturas e venda: Em Coimbra, largo de Sansão, rua de Tinge-rodilhas n.º 173, annuncios por linha 20 rs.

VARIEDADES.

O POVO.

(*Fragmento d'um escriptor francez.*)

690 Povo ou nação é a mesma coisa no meu pensamento: é um ser multiplo a quem personificam, accusam, calumniam; a quem muitas vezes lisongeiam com egoistico interesse pessoal; a quem inganam, e de quem abusam com falsas e dolosas palavras; de quem, finalmente, se falla muito sem o estudar quanto é preciso, e sobretudo sem o tractar como convi-ria.

O povo é a alma e a vida d'um paiz: dizem que é difficil de dirigir; mas basta que se lhe falle com razão, justiça, e firmeza para o fazer entrar no bom caminho.

Tractai dos seus interesses que elle respeitará os vossos. Em vez de adular-lhe as paixões, porque elle tem-nas visto que compõe a humanidade, usai com elle de linguagem justa e desinteressada, e ficai certo de que vos hade attender: não o injurieis, fallai-lhe com brandura.

Se o adulardes podereis contar com elle alguns instantes; mas dentro em pouco pagará com o desprêzo a vossa fraude.

Se o povo é exigente, é porque tem necessidades que satisfazer. Se o satisfizerdes com equidade nunca o vereis ingrato; mas se desvairar por momentos dai-lhe tempo para reflectir.

O espirito d'elle é justo, recta a sua razão, e o seu tacto infinito. Algumas vezes é como um menino cujas faculdades intellectuaes carecem de ser educadas e desinvolvidas.

Estimai-o bastante para vos tornardes capaz de lhe dizer a verdade; e não serão perdidas as vossas palavras.

Se gósta de se divertir, tambem é grave quando deve ser: aproveita-se da experiencia, e julga com sabedoria os acontecimentos e aquelles que o dirigem. Jamais se abusou em vão da sua confiança.

O povo é homem, zeloso ás vezes e egoista; mas é admiravel o seu instincto se se lhe dá tempo a servir-se d'elle.

O povo tem fome; e se vir que se occupam dos interesses da sua existencia hade ser grato.

O povo tem honra; e se vir que o degradam da sua dignidade, não o hade perdoar.

É rapaz e gósta de distracções: sem lhe contrariardes os prazeres, procurai regular-lh'os e moralisal-os organisando-os.

O povo é religioso, é pae, esposo, e filho; tem horror á desordem, e estima a moral quando lh'a não apresentam com fórmas exageradas.

Estima a egualdade perante a lei; mas reconhece e respeita a verdadeira superioridade quando se ella sabe tornar respeitavel.

Se o povo commette faltas inherentes á humanidade, dai-lhe tempo de as conhecer e podeis contar com o seu arrependimento.

Quando certos acontecimentos transformam o povo em multidão excitando-lhe as paixões, devem se temer os seus excessos, sem dúvida; mas mesmo n'estas occasiões elle sabe conservar certa grandeza d'animo e ainda generosidade muitas vezes.

ASYLO DE INVALIDOS DE MARINHA.

(*Commemoração.*)

691 Pareceu-nos bem apresentar aqui alguns detalhes sobre este estabelecimento, visto como no primeiro do corrente mez se completaram dous annos depois que teve logar a sua installação.

No asylo, mandado fundar por decreto de 31 de agosto de 1843, são admittidas as praças de tropa de embarque ou marinhagem, que a isso adquirirem direito por longos annos de serviço, de decripitude, e mutilações. Foram julgados no caso de serem alli recolhidos no dia da installação, 50 soldados, e 6 marinheiros; hoje existem lá 66 invalidos, dos quaes 1 é official superior commandante, 4 subalternos, 14 inferiores, 36 soldados, e 11 marinheiros.

O Asylo está estabelecido em Valle-de-Zebro, ao sul do Tejo, n'umas casas pertencentes á repartição de marinha; tem cirurgião, botica, e infermarias proprias para os invalidos que alli adoecem repentinamente: — uma horta, com cujos productos é fornecido o rancho do quartel; — e tambem uma ermida para os invalidos ouvirem missa, a qual tem um capellão, que nos dias sanctificados se occupa em reger uma eschola d'instrucção primaria, que é frequentada pela mocidade d'aquellas vizinhanças. O proprio sitio de Val-de-Zebro tem melhorado muito em salubridade depois que alli existe o quartel, pois que os soldados empregam-se na plantação de arvoredo, que alli se mandou fazer, e no esgotamento de muitos dos paues, que infectavam de continuos vapores mephiticos aquelle logar. Difficilmente se encontram reunidos tantos resultados vantajosos na execução d'um pensamento feliz. Accresce mais que o magnifico e monumental edificio, de que talvez ainda daremos a descripção, em que foi estabelecida ésta bella instituição ficou assim seguro de não se arruinar como de contrario desgraçadamente lhe succederia.

* * *

PHILOLOGIA MORAL.

DELICADEZA.

692 Ésta palavra é applicada a uma qualidade muito rara em todas as coisas, desde a elevação d'alma e seu desinteresse, até ao mimo de um trabalho, á destreza com que foi feito; quer seja pela elegancia do stylo, subtileza de pincel, levesa de buril, etc., quer seja pelo dedilhar no pianno ou harpa, pelo modular com a voz suaves melodias, etc. É um aperfeiçoamento nos sentimentos e no gôsto, que augmenta muito o julgamento da coisa, obriga á escolha entre o amor e a amizade, faz a admiração mais certa e lisongeira, dá apreço a todas as virtudes e a todos os attractivos, e contribue muito pouco para a boa-fortuna d'aquelles que a possuem.

Póde-se ser delicado por natureza; mas a boa educação é que costuma dar-nos a delicadeza em todas as coisas.

Tudo o que é defendido pela religião e pela honra, é prohibido tambem pela delicadeza.

Não se espere nunca achar delicadeza n'um jogador ou n'uma mulher namoradeira.

A delicadeza quando é excessiva infastia e aborrece, produz a affectação, e torna-se ridicula; outras vezes degenera em susceptibilidade.

Póde-se fazer bem sem delicadeza; e n'este caso o bem muitas vezes offende, ou perde, pelo menos, metade do seu valor. Pelo contrario, póde negar-se o que se pede com tal delicadeza que quasi fiquem agradecidos pela recusa.

Tambem se applica a palavra delicadeza a objectos materiaes; e n'este sentido é muitas vezes synonymo de formosura e graça.

CORREIO EXTRANGEIRO.

693 O successo que obtiveram em Madrid a Persiani, Salvi, Ronconi e Marini foi tão extraordinario que a rainha Isabel II pediu ao empresario Salamanca que escripturasse estes 4 artistas fosse porque preço fosse, para o seu novo theatro do *Oriente*, cuja abertura está fixada para 10 d'abril de 1847.

No dia 15 d'outubro proximo hade ter logar a abertura do theatro *Montpensier* em Paris, com o drama '*O conde de MonteChristo*' d'Alexandre Dumas. Depois d'este irá *O Caligula* do mesmo auctor, com coros de Berlioz e David. Dumas não é ja proprietario nem director d'este theatro, como a principio se acreditou; elle vendeu o privilegio que tinha obtido a uma sociedade por 200,000 francos.

Tem-se publicado 53 diversos retractos de Haydn, isto é: 28 gravados ou lithographados, 10 medalhas e 15 bustos e estatuas.

Os omnibus foram estabelecidos pela primeira vez em Madrid a 15 de maio último. Uma d'estas carruagens voltou-se logo na primeira carreira.

As tragedias d'Eschylo vão ser representadas no theatro de Berlim como se deram na antiga Grecia. Mayerbeer está encarregado de escrever a musica dos coros.

Na grande opera de Paris e no theatro da Scala de Milão foi inaugurada a estatua de Rossini.

O decano dos cantores italianos, o celebre Crescentini, que cantou no nosso theatro de San'Carlos, acaba de morrer em Napoles. Ha 30 annos que não cantava. Napoleão tinha-o nomeado cavalleiro da corôa de ferro. A sua celebridade é immensa.

Vai estabelecer-se em Argel uma companhia para illuminar a gaz aquella cidade.

Os trinta caminhos de ferro d'Allemanha que formam uma totalidade de obra de 730 leguas de extensão, transportaram no mez de março último 989,753 viajantes, o rendimento dos viajantes e mercadorias montou a 1,471,215 florins.

Está-se formando em Hamburgo uma companhia para a navegação a vapor de Hamburgo a Saint-Thamas tocando em Southampton e na ilha da Madeira.

No 1.° de junho devia ser inaugurado o primeiro caminho de ferro da Hungria, de Presburgo, a Tirnau; por esta occasião devia haver uma grande festa publica.

A Inglatera conta hoje 1,800 milhas de carris-de-ferro.

Os caminhos de ferro de Paris transportaram no mez de maio 612,443 viajantes e renderam 1,909,050 fr.

Apparece agora pelo mundo um rabequista sueco, Ole-Bull, cujo talento na rebeca se gaba em extremo. Ousam comparal-o a Paganini, e dizem alguns que este nunca foi tam applaudido como está sendo Ole-Bull.

A cabeça de Lecomte foi entregue ao exame dos phrenologos: diz-se que ella apresenta a fórma exterior que, segundo o systema de Spurzheim e de Gall, indica propensão para o homicidio; a testa é deprimida, a cabeça levantado ao pé da nuca, as orelhas grandes e muito soltas.

A tiara ou coroa-triple que hoje serve para a coroação do papa é uma que Napoleão deu a Pio VII. Ésta tiara é de veludo branco; as tres coroas estão desenhadas com saphyras, esmeraldas, rubins, perolas e diamantes; em cima tem uma grande esmeralda com uma cruz de diamantes. Está avaliada em 428,000 francos.

M.me Rachel recitou na Haya a grande scena da tragedia *Horace* n'uma *soiree* dada pela rainha d'Hollanda. S. M. presenteou a celebre actriz com um ricco bracelete d'oiro ornado de pedras preciosas.

Ha em França 42,000 escholas públicas e 17,000 escholas privadas. Éstas escholas sam frequentadas por mais de 3 milhões de descipulos. A instrucção primaria custa 2.400,000,000 francos.

A população d'Inglaterra é de 28 milhões d'habi-

tantes ou 1,400 almas por legua quadrada. Uma terço d'esta população é empregada nos trabalhos agriculas.

A população da França é de 36 milhões d'habitantes ou 1,200 por milha quadrada. Dois terços d'esta população é empregada nos trabalhos agriculas.

Calcula-se em 42 milhões de cabeças a raça cornigera em França, e em Inglaterra em obra de 77 milhões.

CORREIO NACIONAL.

694 As últimas noticias da India são de 26 d'abril. Aquella parte dos dominios portuguezes gosava de socego. Construia-se em Nova-Goa uma corveta de guerra, e outra em Damão. As noticias de Macau alcançam a 22 do mesmo mez. Nada dizem de importante.

No domingo (12) haverá uma corrida de toiros na praça do Campo de Sanct'Anna, em beneficio do Asylo da mendicidade.

Parece que a companhia de seguros da cidade do Porto, denominada *Segurança*, não póde entregar n'este semestre dividendo nenhum aos seus accionistas, em consequencia do prejuizo que soffreu pela perda da barca *União*.

O Banco-commercial do Porto annuncia que pagará 2 por cento, ou 4$000 por acção, de devidendo do semestre findo, aos seus accionistas.

Foi nomeado Bibliothecario-mór da Bibliotheca-publica de Lisboa o Sr. Antonio d'Oliveira Marreca, ex-Deputado, e um dos mais distinctos ornamentos do jornalismo em Portugal.

No mez de junho entraram no porto de Lisboa 179 embarcações, e sahiram 202; d'estas são 124 portuguezas entradas e 135 sahidas; de guerra entraram 9 sahiram 5, da 1.ª classe entraram 24 sahiram 34, da 2.ª classe entraram 91 sahiram 96. As outras embarcações (entradas) são: Inglezas 31, brazileiras 3, hollandezas 2, sardas 2, francezas 2, norueguezas 2, suecas 2, belga 1, americanas 1, russa 1, dinamarqueza 1, austriaca 1; de guerra inglezas 2, francezas 2, hispanhola 1, e russa 1.

No dia 3 chegou paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 27 do passado e de Paris até 25. O bill dos cereaes tinha sido approvado na Camara dos lords na sessão de 25, e sanccionado pela coroa a 26. Os fundos portuguezes conservavam-se a 49. Em Paris annunciou o Consul de Portugal o pagamento do dividendo das novas apolices de 4 e 5 por cento.

No mez de junho último entraram no Supremo Tribunal de Justiça 35 autos, para julgar; foram julgados 59; ficam pendentes 795.

Acha-se finalmente estabelecido na cidade do Porto o asylo da mendicidade, creado por decreto de 15 d'outubro de 1836.

A receita do Asylo da mendicidade foi no mez de junho de 1:418$808 réis, entrando 257$127 rs. de legados, além de diversos donativos e tomadias em generos. A despeza foi de 1:098$836 rs. Ficaram existindo 341 homens e 256 mulheres, total 597.

A juncta do credito-publico annnuncia que pagará nos dias 15 e 20 do corrente, e d'ahi em diante, os juros das inscripções de 4 por cento, correspondentes ao primeiro semestre d'este anno. E pagará tambem os coupons do novo-fundo portuguez convertido em Londres.

No fim de junho último existiam na alfandega do Terreiro e alojamentos 8,734 moios de trigo, 285 de cevada, 342 de milho, 169 de centeio. O preço do trigo era de 400 a 600 réis, o da cevada de 300 a 320 reis, o mesmo o do milho, e o do centeio de 240 a 280 réis.

SAINFOIN OU ESPARCETO.

No dia 13 do corrente julho e seguintes achar-se-ha á venda no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense* a semente d'este prado artificial, o melhor que se conhece, pois produz nos terrenos mais aridos, é de optima nutrição para o gado, e torna productivos ainda os terrenos mais estereis; os quaes finda a colheita do sainfoin, que dura sem nova sementeira por 5 ou 6 annos na terra, produzem depois uma optima colheita de trigo.

As vantagens da cultura do sainfoin vão hoje sendo geralmente reconhecidas em Portugal, e d'ellas teem feito especial menção os artigos 749 e 750 do 1.º vol. 813 do 2.º dito, 2379, 2427, e 3073 do 3.º dito da nossa REVISTA.

A semente é ja colhida este anno na quinta da Piedade em San'-Quintino, do Sr. Dr. Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, é muito bem sêcca. Preço de cada alqueire 800 rs.

Desde ja se adverte que havendo como no anno proximo passado, muitas pessoas que a tinham incommendado, e não se sabendo os seus nomes nem a quantidade que cada um pertendia, os 120 alqueires que pouco mais ou menos será a totalidade de que se poderá dispôr, se venderão a quem primeiro os procurar.

Aos compradores se entregará gratis uma instrucção do modo de a semear, colher etc., que a REVISTA ja publicou sob n.º 813, em n.º 1.º do 2.º vol. de 22 de septembro de 1842.